



Universidade Candido Mendes – UCAM

Centro de Estudos Afro-Asiáticos



Universidade Candido Mendes – UCAM



Centro de Estudos
Afro-Asiáticos

• 25 anos •

O AFRO-ASIÁTICO DA LONGA MARCHA

O Centro de Estudos Afro-Asiáticos celebra agora os seus 25 anos. Nasceu como organismo da Presidência da República, no Governo Jânio Quadros. Emergia da linfa mesmo das mais poderosas intuições do Presidente, responsável pela política externa autônoma, em que ensaiávamos um perfil de Terceiro Mundo na América Latina. Jânio sentira o fascínio de Tito, Nehru e Nasser. Visitara o primeiro na sua pré-viagem de reconhecimento internacional, antes de envergar a faixa de todas as ousadias, de uma vontade determinada e fundadora, à frente do país. De logo voltava-se, também, de maneira inédita, para os rincões da lusofonia africana, por uma vez à margem de Lisboa, e querendo fazer sobretudo do Atlântico Sul, a partir de Angola, uma política que contrarrestasse nas nossas paragens uma das componentes de geopolítica da guerra fria, em etapa marcada pela exasperação do "apartheid" e o insulamento da África do Sul.

Toda esta dimensão africana era entendida pelo Presidente como uma comunidade de cultura e pensamento, e uma maneira de visibilizar essa presença brasileira, a partir de sociedades emergentes em África para além das estruturas diplomáticas. Cícero Dias na Tunísia, ou Rubem Braga no Marrocos, e Raimundo Souza Dantas em Gana, eram peças deste novo tablado, de jogo perplexo para as tradições, inclusive, do Itamarati e seu elenco bem definido das prioridades do Brasil lá fora. Jânio mantinha retrato de Nehru no seu gabinete, ao lado de Nasser, o *Rais* do confisco do Canal de Suez, e da Rainha Elizabeth, todos dedicados. Alimentava a visão audaciosa de cravar uma dimensão lusófono-brasileira em Goa, como reforço de undécima hora, desta diversidade cultural que só enriqueceria, aliás, o mosaico das diferenças em que o sucessor de Gandhi via o segredo da Federação Indu.

Surgia assim o nosso Afro, também como possivelmente a única organização acadêmica a ter os ouvidos e o cuidado direto do novo Presidente, ainda em lua-de-mel com o mandato e sua promessa. O movimento militar transferiu o Centro para o Itamarati. No esforço de sua preservação, desenvolvido pelo Ministro Vasco Leitão da Cunha, reforçava-se por inteiro a sua biblioteca, já de importância estratégica. E a etapa subsequente foi a de integrar-se ao então Conjunto Universitário Candido Mendes. Partiríamos, então, para o reforço desta tônica das parentelas culturais em que o meridiano de Angola e Moçambique passavam a se constituir como contraponto de um Brasil da estreita latinidade e da conservação do Conosur.

Sobretudo, preocupava-se o Centro em garantir a formação dos novos quadros do então ditos "PALOPS" saindo das guerras de independência, permanecendo ainda na tentação dos estudos nos Estados Unidos, à custa da perda da língua e do contexto e, muitas vezes, até da dúvida da volta à terra natal. Iniciamos com um ambicioso programa de bolsistas de Cabo Verde e da Guiné, interrompidos a meio do governo militar, inclusive com o repatriamento forçado desses estudantes. Hoje a presença do Afro no continente reflete este enraizamento profundo e pertinaz, tanto quanto vários dos governantes emergentes traziam a marca do seu estudo no Rio, e deste horizonte de uma identidade mais funda, aberta pela ventilação janista. Mesmo porque, ao mesmo tempo, nos governos militares a resistência democrática brasileira reencontrava as parentelas com as lutas pela emancipação africana.

Nosso trabalho nos anos de chumbo só reforçava – como no exemplo do professor José Maria Nunes Pereira, nosso primeiro Vice-Diretor, as identidades de expectativa com o MPLA

ou com a Frelimo, de Eduardo Mondlane. Guardo, aliás, como memorabilia da perenidade, carta de Eduardo remetida exatamente no dia em que teve a sua cabeça arrancada pela explosão da bomba em embrulho postal, deixada à sua porta pelo PIDE em Dar-es-Salaan.

No seu quarto de século o Afro-Asiático recorre a esses caminhos e vê a força de sua implantação geminada nos ramos de estudos sobre o Continente, bem como nos bolsões asiático-portuguêses, de par com toda matriz da investigação afro-brasileira. Nesta vertente, e face à dinâmica desenvolvida por Carlos Hasenbalg, estamos na linha de ponta das investigações sobre a interrogação racial, as dinâmicas da aculturação negra no país, e toda a relevância de suas formações no quadro das megalópoles brasileiras, a partir do Rio de Janeiro.

É hoje impossível dissociar – como reconheceu a Fundação Ford e outras organizações internacionais – o recado do Afro do movimento negro na nossa cidade. Inclusive no diapasão dos problemas do resgate da cidadania e da conquista de tantos lances da ação afirmativa. É no quadro hoje, em que os cursos sobre a dita realidade africana se somam à seqüência das pesquisas destas décadas, que o Afro traz uma presença inconfundível à persona cultural da Universidade Candido Mendes. O programa africano permitiu a formação dos quadros governamentais angolanos, a que se somam já o aprendizado dos futuros decisores, de Lunda, do Zaire ou da Cabinda.

Da mesma maneira, desdobramos o programa de formação de pesquisadores junto à Universidade Eduardo Mondlane, de Maputo, e temos agenda, provida de uma nova cooperação com Guiné Bissau e Cabo Verde. O esforço de nosso Vice-Diretor Executivo, Beluce Bellucci, vê aí retribuído um trabalho missionário que começou com sua estada *in situ*, sensibílimo, em Moçambique. No raiar desta efeméride só temos também razão para confiar no revigoramento do contributo, claramente antropológico, em que Lívio Sansone não acompanha apenas a tradição de Carlos Hasenbalg, mas nos entrosa com o plantel baiano destas mesmas interrogações.

Resistimos sempre, nesta vaidade da diferença, hoje, da nossa UCAM, a criar, dedutivamente, um Centro de Estudos Internacionais. Preferimos a praxe desta experiência inédita estremunhada, nascida de uma política, para se transformar numa agenda de relevância para a nossa mudança. Na dinâmica mesmo, imposta ao Afro, seu crescimento permitiu os partos naturais; do foco de estudos chineses, hoje objeto de larga política de fomento cultural no "Império do Meio", com assistência de órgãos governamentais, Ongs e entidades de fomento bi-partite. Foi a Candido Mendes, através do seu Centro Cultural, a primeira unidade brasileira a levar exposição as nossas artes plásticas às galerias da Praça da Paz Celestial.

Só tem motivos para confiar no que é a fidelidade, a teimosia e a busca do caminho íngreme nesta marca tão típica de nossa Casa. Não creio que jamais nos beneficiaremos das previsões de uma planilha burocrática de expansão. Mas de fecundidade de tantas sementes plantadas em maturações diversas e finalmente no susto de seu acontecer. Este que queremos para o Afro do milênio.



CANDIDO MENDES

REITOR DA UNIVERSIDADE
CANDIDO MENDES
E DIRETOR DO CEEA

A Universidade Candido Mendes está comemorando em 1998 os 25 anos de atividades de seu Centro de Estudos Afro-Asiáticos, o CEAA. Criado em 1973, prenunciando, de um lado, o início de um período efervescente da história do continente africano, marcado pelo processo de independência das colônias portuguesas, e, de outro, o ressurgimento do Movimento Negro no Brasil, o CEAA construiu neste quarto de século um acervo acadêmico de prestígio internacional, que o credenciou como instituição-referência para assuntos de África e de suas relações econômicas, comerciais, políticas e culturais com nosso país.

Através da produção acadêmica orientada, da formulação de teses, da promoção de pesquisas teóricas e aplicadas, da formação e do intercâmbio de capital humano e da divulgação permanente de seu trabalho, o CEAA contribuiu, nestes 25 anos, não só para encurtar a distância entre o Brasil e a África, estreitando, muito especialmente, as relações com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – PALOP –, como também para o desenvolvimento e fortalecimento da consciência entre os brasileiros de que a questão racial é uma questão nacional.

Hoje, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Candido Mendes reúne em sua biblioteca cerca de 12 mil documentos, entre livros, artigos, teses e folhetos, e responde pela produção de cinco diferentes publicações, dentre as quais destaca-se a revista Estudos Afro-Asiáticos, que há 20 anos circula semestralmente e é considerada o mais importante veículo de divulgação acadêmica dos estudos sobre a África e sobre o negro no Brasil.

Em sua bem montada infra-estrutura, composta de dez salas para pesquisadores, três de administração e uma de reuniões, trabalha uma equipe fixa de sete pesquisadores, sendo dois mestres, dois doutores e três em fase de conclusão de doutorado, todos com computadores ligados à rede da Universidade Candido Mendes.

O CEAA conta ainda com o apoio de consultores, professores universitários especializados em África e em estudos sobre a população negra brasileira.

Aos 25 anos, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos investe na busca de novas fontes de recursos e novas formas de parceria que permitam manter e ampliar a excelência acumulada, por si só a melhor resposta ao apoio decisivo, ao longo destas duas décadas e meia, de organismos financiadores como Fundação Ford, Finep, CNPq, UNESCO, Fundação Mellon e Fundação MacArthur.

Centro de Estudos Afro-Asiáticos

25 anos de história

A África na ordem do dia

Brasil, início da década de 70: o país vivia sob regime militar, com repressão política, perseguição intelectual e forte censura à produção e veiculação de idéias. Além-mar, no outro lado do Atlântico, a África continuava sua luta pela libertação, com os países (sobretudo os da África Austral e os dominados por Portugal) empreendendo diferentes formas de luta para se livrar do jugo colonial e conquistar a independência. Foi neste contexto político que surgiu o Centro de Estudos Afro-Asiáticos.

Inspirado no Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, que ele mesmo ajudara a criar junto à Presidência da República, em 1961, e que havia sido extinto pelo então governo militar, o professor Candido Mendes viabilizou a continuidade do projeto na esfera privada. Em 1973, foram abertos os trabalhos do CEAA, sob a chancela do Conjunto Universitário Candido Mendes, mantido pela Sociedade Brasileira de Instrução (SBI), tradicional instituição sem fins lucrativos, fundada em 1902.

Na construção do CEAA Candido Mendes contou com a inestimável colaboração do professor José Maria Nunes Pereira, à época seu assistente na cadeira de Política Africana da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e já então uma autoridade em assuntos de África. Nascido no Maranhão mas criado e educado em Portugal, onde foi dirigente da associação de estudantes africanos (Casa dos Estudantes do Império, no Porto), Nunes Pereira trouxe para o CEAA um significativo acervo de livros, periódicos e documentos sobre o continente africano. Coube a ele assumir a Vice-diretoria Executiva da nova instituição, posto que ocupou até 1986.



Seminário no CEAA
com o Ministro das
Relações Exteriores
do Senegal,
Moustapha Niasse,
e dirigentes da
Fundação Léopold
S. Senghor, em 1979



No centro do debate contra o racismo

Enquanto nos países da África pipocavam movimentos de emancipação, no Brasil da imprensa censurada e da academia cerceada era grande a sede por informações. E foi neste terreno que o Centro de Estudos Afro-Asiáticos plantou suas sementes. Quando a Guiné-Bissau despontou no cenário mundial como a primeira colônia portuguesa a conquistar a sua independência, uma missão enviada a esse país pelo CEAA participou ativamente da vinda ao Brasil da primeira delegação ministerial de uma nação africana de língua portuguesa.

A partir de 1974, brotaram do CEAA encontros, debates, ciclos de palestras, grupos de estudos e seminários. O Rio de Janeiro discutia e pensava *apartheid* e colonialismo. A África, enfim, chegava ao Brasil. E, com ela, a consciência negra e os primeiros movimentos sociais. Em 21 de março o país comemorou no CEAA, pela primeira vez, o Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para lembrar o massacre de negros na África do Sul, em 1960.

Ainda em 74, o CEAA promoveu com a Sociedade de Estudos da Cultura Negra da Bahia (SECNEB) as Semanas Afro-Brasileiras, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Entre debates e exposições de arte sacra-brasileira, shows de artistas negros como Gilberto Gil, Jards Macalé e Djalma Corrêa ajudavam a dar maior visibilidade aos encontros.

Nesta mesma época, o Centro instituiu os lendários "Diálogos aos Sábados", que reuniam nas instalações de Ipanema da Candido Mendes um grupo de discussão que chegou a contar com 120 integrantes. Distribuído em várias salas, o chamado Grupão

– formado por professores, pesquisadores e militantes negros – debatia e produzia textos sobre a questão racial e a história do negro no Brasil. Algumas importantes entidades de defesa do negro, como o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA), foram em parte gestadas ali, nos "Diálogos aos Sábados" do CEAA.



Comemoração do
Dia Internacional
pela Eliminação
da Discriminação
Racial, no CEAA,
em 21 de março
de 1975

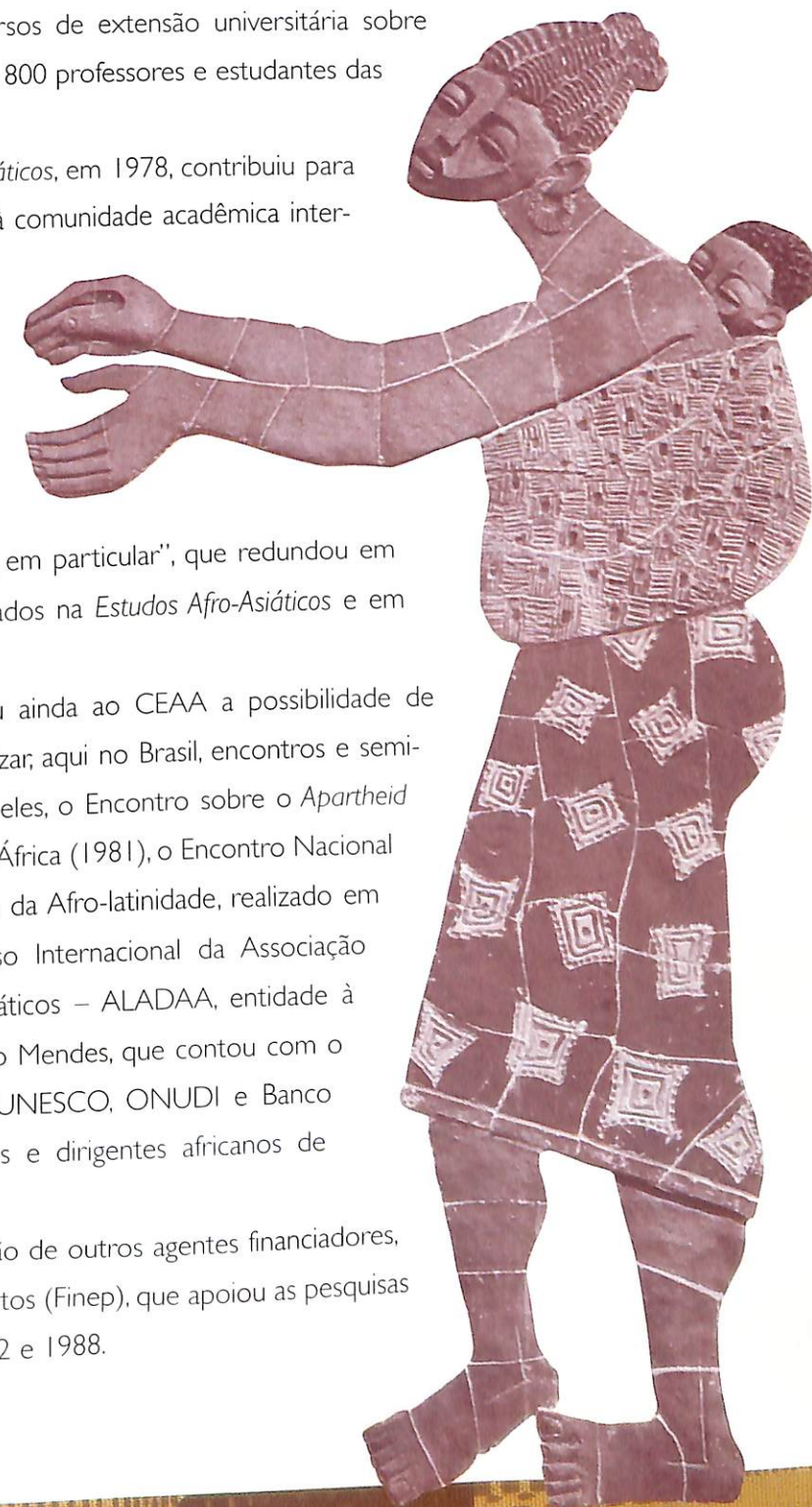
Intercâmbio e divulgação, as prioridades

No transcurso destes 25 anos de atividade, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos experimentou diferentes momentos. Em sua primeira fase, compreendida entre 1973 e 1980, o CEAA atuou prioritariamente na divulgação da África no Brasil e na cooperação educacional com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Promoveu, no período, mais de 40 cursos de extensão universitária sobre África e Ásia, frequentados por cerca de 800 professores e estudantes das universidades do Rio de Janeiro.

A criação da revista *Estudos Afro-Asiáticos*, em 1978, contribuiu para divulgar o trabalho da instituição junto à comunidade acadêmica internacional. Dois anos depois, em 1980, a Fundação Ford concedia seu primeiro aporte financeiro ao CEAA. A injeção de recursos permitiu desenvolver o programa "Relações do Brasil com a África: seu impacto na sociedade brasileira, em geral, e na comunidade negra, em particular", que redundou em mais de uma dezena de artigos publicados na *Estudos Afro-Asiáticos* e em outras revistas.

O mesmo programa proporcionou ainda ao CEAA a possibilidade de enviar pesquisadores à África e de realizar, aqui no Brasil, encontros e seminários nacionais e internacionais. Entre eles, o Encontro sobre o *Apartheid* (1980), o Seminário Internacional Brasil-África (1981), o Encontro Nacional Afro-brasileiro (1982) e o 1º Colóquio da Afro-latinoidade, realizado em 1983, juntamente com o III Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos – ALADAA, entidade à época presidida pelo professor Candido Mendes, que contou com o apoio também de organismos como UNESCO, ONUDI e Banco Mundial, e atraiu acadêmicos, ministros e dirigentes africanos de mais de 20 países.

O aporte da Ford chamou a atenção de outros agentes financiadores, como a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), que apoiou as pesquisas aplicadas do CEAA na África entre 1982 e 1988.



O crescimento das atividades do Centro exigiu uma reestruturação. A partir de 1983, a Vice-direção passou a ser dividida em Vice-direção Acadêmica e Vice-direção Administrativa, esta última ocupada pelo professor Jacques d'Adesky, economista com pós-graduação pela Universidade Católica de Louvain, e que trabalhara na África a serviço das Nações Unidas. Este período foi marcado pela contratação exclusiva de pesquisadores com mestrado e pelo incentivo de melhor titulação acadêmica para aqueles que possuíam apenas graduação.

Entre 1973 e 1986, mais de 20 ministros africanos visitaram o CEAA. Um deles, o ex-Ministro da Saúde de Cabo Verde Manuel Faustino, chegou inclusive a trabalhar no Centro por cinco anos, de 1980 a 1985, quando retornou ao seu país para comandar o Ministério da Educação.

A questão racial no Brasil

Ao assumir a Vice-direção Executiva do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, em 1986, Carlos Hasenbalg, acadêmico que havia inovado os estudos das relações raciais no Brasil, promove uma reorientação acadêmica e passa a investir em pesquisas sobre a questão racial no Brasil. Com recursos da Fundação Ford, instituiu um programa de pesquisas sobre a participação do negro na sociedade brasileira, realizado até hoje, com dotações anuais, e criou um concurso nacional de monografias.

A idéia era redinamizar a área de pesquisa com novos temas como desigualdade racial, preconceito e estratificação social no Brasil, entre outros. Com doutorado pela Universidade de Berkeley, na Califórnia, Hasenbalg traz para o CEAA uma rede de contatos acadêmicos nos Estados Unidos, que já à época acumulava tradição em estudos sobre relações raciais.

Sem perder a África de vista, a revista *Estudos Afro-Asiáticos* passou a enfatizar, a partir daí, estudos de relações raciais no Brasil e nas Américas, se transformando em um privilegiado veículo para a divulgação também de trabalhos afro-americanos. De 1986 a 1996, período da gestão Carlos Hasenbalg, o CEAA incentivou e ampliou os trabalhos sobre racismo, contratou estudos de pesquisadores visitantes e recrutou estudantes negros de Ciências Sociais para participarem de projetos e se destinarem ao doutoramento, no Brasil e nos Estados Unidos.

Cooperação e pós-graduação

Em 1993, Beluce Bellucci chega ao Centro para coordenar os programas de África e cria o Programa de Administração de Bolsistas (PAB), que permitiu ao CEAA intensificar o intercâmbio educacional com a África, através do apoio e do acompanhamento regular de estudantes africanos no Brasil, em cursos de graduação e pós-graduação.

Com experiência profissional em assuntos africanos – viveu mais de 13 anos na Argélia e em Moçambique e foi militante junto aos movimentos de libertação –, Bellucci assume a Vice-direção Executiva do CEAA em 1996 e fica encarregado do Departamento de Estudos Afro-Asiáticos.

Desde o início dos anos 90, o CEAA desenvolve um programa para a formação de pesquisadores africanistas brasileiros, que, hoje, já graduados como mestres, reforçam a equipe de África. Aproveitando-se do potencial existente, Bellucci, economista de formação, estabelece uma nova dinâmica administrativa ao Centro: impulsiona outras parcerias e fontes de financiamentos, introduz o curso de pós-graduação *lato sensu* em História da África, e dinamiza as ações de cooperação.

No mesmo ano em que Bellucci se torna vice-diretor executivo é criada a Vice-direção Técnico-Científica, encarregada de coordenar o Departamento de Estudos Afro-Brasileiros, assumida por Lívio Sansone. À frente dos estudos afro-brasileiros, Sansone vem impulsionando as atividades de pesquisas, publicações e cursos.



O Diretor Geral

da Unesco,

A.M. M'Bow,

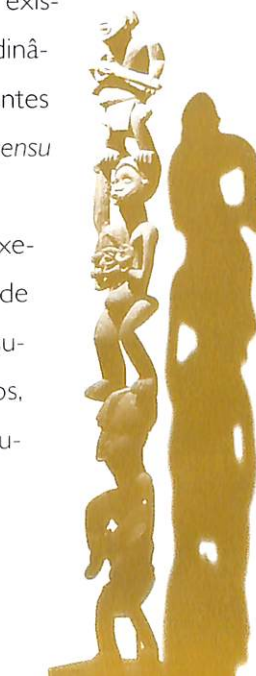
o professor

Candido Mendes,

e o embaixador

Alberto da

Costa e Silva



Joseph Ki-Zerbo,
'fundador' da
moderna História
da África, visita o
CEAA, em 1997

O CEAA, hoje, concentra seus esforços em duas grandes áreas de interesse – África e Ásia e Estudos Afro-Brasileiros. Coordenados por Beluce Bellucci, os estudos afro-asiáticos estão organizados em quatro frentes – Pesquisa, Ensino, Extensão e Cooperação com a África. Há anos desativados, os programas de Ásia, em particular, começam agora a ser retomados com interesse no Oriente Médio. A cargo de Lívio Sansone, os estudos afro-brasileiros concentram investigações sobre a população negra do Brasil, seus movimentos sociais, cultura, educação, estratificação social e questão racial.



Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História da África

Depois de formar 22 alunos em 1997, o CEAA inicia em 1998 sua segunda turma do curso de pós-graduação *lato sensu* em História da África, que tem o apoio da CAPES. Os 25 alunos inscritos vão receber 420 horas/aula (de abril a novembro) em 13 disciplinas, sendo 11 especializadas e duas metodológicas, ministradas por professores pós-graduados do CEAA, quase todos com experiência de trabalho de campo na África, e por especialistas convidados de outras universidades.

O objetivo é formar professores capacitados a dar cursos introdutórios nas universidades brasileiras e a incluir conteúdos dessa história e da cultura afro-brasileira nos programas das escolas de 2º e 3º graus.



África e Ásia

Programa de Pesquisa

As pesquisas deste Programa estão inscritas em dois diferentes campos de trabalho: um voltado para a produção de teses e dissertações, e outro para o atendimento a demandas específicas. Entre os temas que orientam as pesquisas a partir de 1998 estão a África Austral – África do Sul à frente –, sob o ângulo de bloco regional (SADC – Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral) e suas potenciais parcerias econômicas e comerciais com o Mercosul; a República de Angola, por sua importância estratégica e pelos laços culturais e econômicos que mantém com o Brasil; a questão étnica e os novos poderes que emergem na África; e os conflitos culturais e religiosos no Oriente Médio e na África, com destaque para o fundamentalismo e o nacionalismo árabe.

Programa de Extensão Universitária

■ Cursos de Extensão

Para divulgar e compartilhar o conhecimento acumulado, o CEAA oferece cursos de extensão universitária, formatados com uma carga de 40 horas/aula, em torno de temas como globalização e teoria da cultura; Mandela e a África Austral; nações e etnias nas estratégias atuais; a guerra de Angola; desenvolvimento e democracia na África Austral.

■ Textos sobre África

No ano em que comemora seus 25 anos, o CEAA inicia um programa de edição de textos sobre a África para divulgar o tema entre professores e alunos de 2º e 3º graus. Serão editados, nos próximos anos, cerca de 20 temas, ampliando desta forma a atividade de extensão da Universidade Candido Mendes.



linhas de atuação do CEAA



Programa de Cooperação com a África

■ Programa de Administração de Bolsistas (PAB)

Implantado em 1993, na sequência de um projeto de apoio à formação de moçambicanos em Ciências Sociais na UFRJ, com apoio da Fundação Ford, o Programa de Administração de Bolsistas é um forte instrumento de intercâmbio educacional com a África e já atendeu a mais de 600 estudantes africanos. O PAB apóia e acompanha regularmente africanos que vêm fazer graduação e pós-graduação no Brasil, num trabalho que envolve recepção no País, repasse de bolsas de estudo, apoio de documentação e alojamento, seguro de saúde etc. Através de relatórios anuais e individuais, permite ainda às instituições de origem dos alunos e seus financiadores um controle eficiente do processo de formação acadêmica. Nos últimos anos, o Programa desenvolveu convênios com o Ministério da Educação de Cabo Verde, com o Ministério da Agricultura de Moçambique e com o Ministério de Defesa e o Ministério dos Petróleos de Angola; com o Governo de Lunda Sul de Angola; e com a Universidade Eduardo Mondlane e o Arquivo Histórico de Moçambique.

■ Intercâmbio educacional

Desenvolvido em parceria com outras instituições brasileiras, este Programa proporciona aos profissionais, ativistas sociais, dirigentes governamentais e não-governamentais da África a oportunidade de vir ao Brasil para participar de estágios e pesquisas, visitas ou cursos de curta duração nas áreas técnico-profissionais e socioculturais. Atendimento semelhante recebem brasileiros que viajam à África.

■ Núcleo de Preparação Acadêmica e de Especialização Técnica

Desde 1994 este Núcleo prepara estudantes africanos com o 2º grau completo (o correspondente, na África, à 11ª Classe) que aspiram ingressar em universidades brasileiras através do PEC – Programa Estudante Convênio. Por este Convênio, o Ministério da Educação do Brasil oferece, através do Ministério das Relações Exteriores, vagas para estudantes estrangeiros em cursos de nível superior, sem o concurso de vestibular. Além de cursos de reciclagem, o Núcleo promove especialização em áreas técnicas como administração, contabilidade e marketing, entre outras. Convênios com o Ministério da Agricultura de Moçambique e com o Ministério dos Petróleos de Angola foram realizados, beneficiando cerca de 40 estudantes.



■ “Compreender África”

Com este Programa, o CEAA prepara e fornece informações a empresários, técnicos, pesquisadores ou estudantes brasileiros que viajam para o continente africano, de modo a facilitar sua adaptação e orientar na identificação de interlocutores (instituições ou pessoas) devidamente qualificados.

Afro-Brasil

Pesquisa e Formação

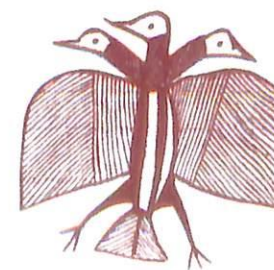
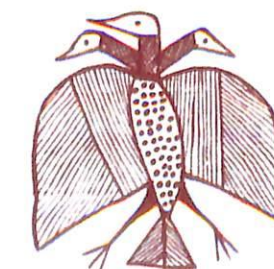
Os projetos de pesquisa abordam, especialmente, estudos sobre a população afro-brasileira contemporânea. Temas como ascensão social, violência e educação estão entre as suas prioridades. Além de produzir novos conhecimentos, estes projetos formam jovens cientistas sociais, em sua maioria negros, oferecendo-lhes qualificação acadêmica no campo do conhecimento das desigualdades raciais no Brasil.

Através do Programa de Pesquisa e Formação, a coordenação Afro-Brasil promove ainda intenso intercâmbio com pesquisadores nacionais e estrangeiros, instituições acadêmicas, organizações não-governamentais e militantes do movimento social negro, que encontram no CEAA um ponto de apoio, utilizando o acervo de biblioteca e documentação para o desenvolvimento de suas pesquisas.

Inscribe-se também neste Programa a organização de cursos intensivos para especialização em estudos das relações raciais, como o Curso Avançado sobre Relações Raciais e Cultura Negra – Fábrica de Idéias. Realizado com recursos da Fundação MacArthur, o curso proporciona a qualificação de pesquisadores brasileiros, a partir de contatos com a produção internacional, sobre os diversos aspectos das relações raciais, e promove ainda o intercâmbio entre estudantes do Brasil e acadêmicos estrangeiros.

Incentivo à pesquisa

A área Afro-Brasil do CEAA promove em 1998 a nona edição de seu concurso anual de dotações para pesquisas sobre o negro na sociedade brasileira. De alcance nacional e apoiado em recursos da Fundação Ford, o concurso tem contribuído para a conclusão de inúmeras teses de mestrado e para a divulgação das melhores pesquisas dele resultantes, que ganham as páginas da revista *Estudos Afro-Asiáticos*. Entre 1986 e 1997 foram aprovados e financiados 77 projetos de pesquisa.





Publicações

O Centro de Estudos Afro-Asiático divulga sistematicamente informações sobre sua produção acadêmica e atividades de um modo geral, através de cinco diferentes mídias.

Revista Estudos Afro-Asiáticos – Publicação semestral reconhecida como importante veículo para divulgação da produção acadêmica na área de estudos africanos e sobre o negro no Brasil. Com uma tiragem de mil exemplares, circula entre as principais universidades e em representações diplomáticas do Brasil e do mundo.

Notícias Africanas – Dirigido a estudantes, pesquisadores e jornalistas, o *clipping* de publicações internacionais sobre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e a África Austral, que reúne também análises conjunturais dos pesquisadores do CEEA, circulou semanalmente com uma tiragem de 150 exemplares de 1990 a 1997. A partir de 1998, se transforma em uma *newsletter* informatizada.

Questões de Raça – Bimestral, o *clipping* temático retrata as relações raciais no Brasil a partir de notícias publicadas na imprensa brasileira. A cada edição, a publicação aborda um tema diferente, selecionado por sua repercussão, atualidade ou importância histórica. A tiragem de 150 exemplares é especialmente destinada aos que militam no movimento negro no país.

Os Números da Cor – Boletim estatístico de circulação quadrimestral, também com tiragem de 150 exemplares, oferece a militantes, pesquisadores, políticos e ao público em geral estatísticas recentes sobre as condições de vida da população afro-brasileira.

Afronotícias – O informativo, distribuído gratuitamente por correio eletrônico na Internet, divulga eventos, teses, publicações, concursos, pesquisas e outras iniciativas de organizações não-governamentais, universidades e movimentos sociais ligados às questões africana e afro-brasileira.



Biblioteca

Por possuir em seu acervo rara documentação sobre África e Ásia – grande parte importada – e sobre negros no Brasil, incluindo edições esgotadas, o Centro de Documentação do CEEA é um dos principais núcleos do Brasil e da América Latina em sua especialidade. Entre livros, artigos analisados, folhetos e teses são mais de 12 mil documentos, já informatizados, disponíveis para consultas de professores e universitários do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros, de adeptos das religiões de origem africana e de pesquisadores não-acadêmicos, que buscam informações para a produção de bens culturais como músicas, sambas, filmes, peças de teatro, livros e telenovelas. À biblioteca do CEEA recorrem com frequência também pesquisadores estrangeiros. Muitos universitários africanos, notadamente dos países de língua oficial portuguesa e dos Estados Unidos, envolvidos com teses de pós-graduação. O acervo da biblioteca do CEEA estará disponível brevemente também na Internet.

Congressos, Seminários e Encontros

O CEEA participa, anualmente, de mais de 70 eventos que tratam de questões ligadas à África e aos negros brasileiros, entre congressos, seminários e encontros nacionais e internacionais, de caráter acadêmico, empresarial ou institucional. Internamente, por iniciativa própria, o Centro promove com regularidade fóruns de estudos para discussão e difusão das pesquisas de suas equipes, além de seminários, congressos e encontros, como o Seminário Internacional sobre Racismo e Relações Raciais nos Países da Diáspora Africana (abril de 1992), o I Encontro de Estudos Afro-Asiáticos do Rio de Janeiro (outubro de 1994), o IV Congresso da Aladaab – Associação Brasileira de Estudos Afro-Asiáticos do Brasil (em agosto de 1995), e o ciclo de debates Atualidade Negra – Um Panorama das Relações Raciais no Brasil, realizado em parceria com o Paço Imperial e a Fundação Palmares (novembro de 1997).



BELUCE BELLUCCI

"Socializar o conhecimento sobre a África"

A maturidade trouxe novos desafios ao CEAA. Desafios que incluem a consolidação do curso de pós-graduação em História da África – ora em seu segundo ano –, a modernização e informatização completa de seu centro de documentação e a alavancagem de novas pesquisas que promoverão uma melhor compreensão das questões da África e da população negra brasileira, estendendo o olhar para a Ásia e o Oriente Médio.

– Acumulamos, nestes 25 anos, experiências que nos permitem desenvolver atividades equilibradas em nossas diferentes áreas de atuação – assinala Belucci, Vice-diretor Executivo do CEAA.

A filosofia do Centro, segundo ele, pode ser compreendida hoje em três vertentes: mantê-lo como um local privilegiado de reflexão, pesquisa e ensino dos assuntos afro-asiáticos no Brasil; divulgar esse conhecimento para a sociedade brasileira, através de publicações, das participações em eventos e da aproximação com os movimentos sociais; e desenvolver atividades crescentes de cooperação educacional, principalmente com os Países Africanos de Língua Portuguesa, com instituições do governo brasileiro – o Itamaraty, em particular – e com unidades de ensino e empresas do setor privado.

Na área dos estudos africanos, a meta do CEAA, segundo Bellucci, é consolidar o curso de pós-graduação em História da África e o Programa de Administração de Bolsistas (PAB), fortalecendo os laços com estudantes africanos no Brasil; ampliar as pesquisas aplicadas sobre a África Austral e os Países de Língua Oficial Portuguesa; e, ainda, socializar junto ao povo brasileiro o conhecimento acumulado no Centro, através da edição dos Textos sobre África.

Nascido em Cruzália, Estado de São Paulo, em 5 de agosto de 1948, Belucci é formado pelo Institut du Développement Économique et Social da Universidade de Paris I (Sorbonne), onde também obteve o Diplôme d'Étude Supérieure Scientifique na área de Desenvolvimento Agrário, em 1975.

Na Argélia, durante o exílio em que viveu nos anos 70, aproximou-se dos movimentos de libertação das colônias portuguesas. Tão logo estas se tornaram independentes, mudou-se para Moçambique, onde, na qualidade de cooperante, trabalhou como supervisor do crédito agrário do Banco Popular de Desenvolvimento (77-79), coordenou o projeto de desenvolvimento integrado de Cabo Delgado e Niassa no Ministério da Agricultura (81-83), e foi diretor de ensino no Centro de Formação Agrária (86-89). Finalmente, como consultor das Nações Unidas (90-92), coordenou a elaboração do Programa de Cooperação Técnica de Moçambique. No Brasil, foi assessor de projetos especiais da Secretaria de Planejamento do Estado de São Paulo e da Secretaria de Assuntos Fundiários (83-86). Atualmente é professor de Economia Africana.

LÍVIO SANSONE

"Reforçar as pesquisas e modernizar a biblioteca"

– Estamos empenhados em conseguir recursos não só para pesquisas, mas também para a promoção de cursos e modernização de nossa biblioteca, que tem a maior concentração de teses de doutorados, livros e documentos sobre o negro no Brasil – enfatiza o Vice-diretor Técnico-Científico Lívio Sansone, coordenador da área Afro-Brasil.

Entre as pesquisas em curso, Sansone destaca "O Ingresso e o Rendimento dos Negros no Ensino Superior", financiada pela Fundação Ford, que tem por objetivo aprofundar os estudos sobre a relação entre investimento educacional e a realização ocupacional para os grupos de gênero e cor no Brasil.

– Pouca importância se dá à classe média negra e nós estamos interessados em mostrar o que ocorre quando ela entra para a universidade. Esta investigação proporcionará maior visibilidade quanto ao status das carreiras e contribuirá para as análises de ascensão social – observa Sansone.

A equipe de Afro-Brasil trabalha ainda para viabilizar a realização de pesquisa junto à Polícia Militar no Rio de Janeiro. Embora seja a principal empregadora de negros no Rio de Janeiro, que oferece chances reais de ascensão social, a corporação é comprovadamente a que mais maltrata a população negra. "Por que isso? Queremos pesquisar a origem dessa violência racial", antecipa Sansone.

Com o projeto de editar, em três anos, 15 livros de diferentes autores sobre a questão racial, Lívio Sansone está empenhado também em estender o intercâmbio acadêmico mantido pelo Centro com os Estados Unidos e países da América Latina como Colômbia, Venezuela, Porto Rico e Cuba. A África do Sul é outro alvo. Na pauta do CEAA está a implementação de um programa de intercâmbio com pesquisadores especialistas naquele país, que tantas semelhanças guarda com o Brasil, por suas condições de pobreza e pelas desigualdades sociais.

Italiano, nascido em 5 de outubro de 1956, Lívio Sansone se formou em sociologia na Facoltà di Magistero de la Università La Sapienza de Roma e concluiu o mestrado e doutorado na área de Antropologia Social da Universidade de Amsterdam, na Holanda. No âmbito de sua especialização acadêmica já exerceu diversas atividades de pesquisa na Itália, na Holanda e no Brasil. Foi coordenador de pesquisa do Advanced Fellowship Program da NATO (85-87) na Itália; do Centro de Estudos e Estatísticas da Prefeitura de Amsterdam (1988-89); pesquisador visitante e coordenador de pesquisa da Universidade Federal da Bahia (1992-96). Em 1996 trabalhou como pesquisador senior no Institute for Migration and Ethnic Studies da Universidade de Amsterdam, atividade que deixou para assumir o posto que ocupa atualmente no CEAA. É autor de vários livros e inúmeros artigos em revistas nacionais e internacionais sobre a questão racial, particularmente no Brasil.

O prestígio alcançado pelo CEAA entre acadêmicos no Brasil e no exterior pode ser medido pelas inúmeras menções que recebeu, ao longo de sua história, de destacados estudiosos do tema África e Brasil.



A primeira avaliação internacional do Centro foi feita pelo historiador francês René Pelissier, autor de 11 livros sobre as ex-colônias portuguesas, em artigo de 20 páginas sobre o africanismo brasileiro, publicado na revista **Le Noir en Afrique**¹, que alcançou bibliografia e programas de ensino e pesquisa. No trabalho, Pelissier registrou a enorme distância que separava África e Brasil, tendo em vista suas afinidades históricas e a penetração política e comercial que o Brasil empreendia, na ocasião, com o continente africano. E dedicou ao CEAA nove páginas, por considerá-lo, neste contexto, um "um caso à parte".

"O CEAA não é um desses Centros acomodados no seu gueto", escreveu Pelissier, mas "um espaço livre que vem, há mais de seis anos, sendo um enclave onde não poucos mitos e tabus da sociedade brasileira foram contestados". Para o historiador francês, que destacou também o papel político do CEAA na aproximação do Brasil com a África, a relativa liberdade de expressão verificada na produção do Centro, em pleno governo militar, deveria ser creditada à influência do reitor Candido Mendes e sua atuação junto ao Vaticano.

"Qualquer que venha a ser o futuro do africanismo brasileiro, o lugar de honra deve ser reservado ao CEAA, não pela quantidade ou qualidade excepcional dos seus estudos, mas pelo trabalho de formiga realizado em termos de conscientização", concluiu Pelissier.



o CEAA e o mundo acadêmico

Consultor da UNESCO², J. M. Turner, em livro da organização dedicado à preparação da História da África, elogiou a documentação acumulada pelo CEAA e assinalou que "o Centro estabeleceu contatos pessoais com vários dirigentes dos novos países africanos de língua portuguesa e desempenha um papel de consultor junto ao Itamaraty para ajudá-lo a determinar de que maneira deveriam evoluir as relações do Brasil com esses países e quais seriam as possibilidades de intercâmbio".



Em relatório sobre suas atividades no Brasil no período 1988-89, a Fundação Ford³ sublinha que "teve uma participação ativa na consolidação de vários centros de pesquisa brasileiros, hoje internacionalmente reconhecidos. Entre estes incluem-se o CEBRAP, o Programa de Economia (FIPE) da USP, o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFRJ, o IUPERJ e o CEAA".



A cientista social cabo-verdiana Hélène Monteiro, em dissertação de mestrado⁴ sobre os movimentos negros apresentada em 1991 ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), resume:

"A produção acadêmica da elite intelectual ligada à esfera governamental, sobre as relações Brasil-África, demonstra uma descontinuidade com a elite

Os embaixadores

José Eduardo Barbosa

(Cabo Verde) e

Oswaldo de Jesus

Van-Dunem (Angola),

e o Vice-diretor

Executivo do CEAA,

Beluce Bellucci



intelectual negra, que só na década de 70 interfere numa área até então restrita aos círculos de poder. Isto é viabilizado a partir dos encontros entre militantes negros que passam a ser promovidos pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos (...)"

Mais adiante, Hélène Monteiro acrescenta:

"O CEAA desempenhou um papel decisivo na formação dos militantes sobre a questão africana e a sua conseqüente articulação com a questão racial brasileira, sobretudo no que se refere à bibliografia disponível". E conclui: "As reuniões no CEAA e os bailes 'soul' marcam o ressurgimento do Movimento Negro no Rio de Janeiro".



Também em dissertação de mestrado⁵ apresentada ao IFCS em 1996, a socióloga Laura Moutinho registra o pioneirismo e a importância do CEAA na (re)organização dos movimentos negros cariocas:

"Diversos informantes destacam como sendo os primeiros passos dos movimentos negros cariocas aqueles dados nas reuniões do CEAA. Ao analisar as entrevistas com militantes e ex-funcionários do Centro, impressionou-me como a história acima descrita, recorrente em todos os depoimentos, possui contornos de uma narrativa, compondo uma espécie de mito de origem destes movimentos no Rio de Janeiro."



1. PELLISSIER, René. "L'africanisme brésilien". Le Noir en Afrique nr. 200, Paris, jul-set 1982.
2. La traite négrière du Xve au XIXe siècle. Réunion d'experts organisée par l'Unesco à Port-au-Prince, Haiti, jan-fev 1978. UNESCO, dezembro de 1989.
3. Relatório da Fundação Ford 1988-89. Rio de Janeiro - Brasil.
4. MONTEIRO, Hélène. O Ressurgimento do movimento negro no Rio de Janeiro na década de 70. Dissertação de mestrado apresentada ao IFCS da UFRJ em 1991.
5. MOUTINHO, Laura. Negociando discursos: análise das relações entre a Fundação Ford, os movimentos negros e a academia na década de 80. Dissertação de mestrado apresentada ao IFCS da UFRJ em 1996.

Universidade Candido Mendes
CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS

Diretor
Candido Mendes

Vice-diretor Executivo
Beluce Bellucci

Vice-diretor Técnico-Científico
Lívio Sansone

Coordenador de Estudos Africanos
José Maria Nunes Pereira

Pesquisadores África
Célia Regina Nunes
Edson Borges
Marcelo Bittencourt
Roquinaldo A. Ferreira

Biblioteca
Ana Senna
Ana Matilde

Auxiliares Técnicos
Ana Cristina Macedo
Sônia Vieira

Equipe administrativa
Fabíola Souza
Flávia Santos
Suely Misael
Jonas Santos
Priscila Chazin

Centro de Estudos Afro-Asiáticos
Rua da Assembléia, 10 - sala 501
20119-900 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefone: (021) 531-2636
Fax: (021) 531-2155
www.candidomendes.br

A Universidade Candido Mendes é mantida pela
SBI - Sociedade Brasileira de Instrução, fundada
em 1902, e tem como presidente o professor
Candido Mendes e como vice-presidente o profes-
sor Antônio Luiz Mendes de Almeida.





Projeto editorial e coordenação

Letra Viva Comunicação
Elane Maciel e Flavia Cavalcanti

Texto final

Cristina Chacel

Projeto gráfico

Traço Design
Danielle Martins e Lilian Mota

Fotolitos

Mergulhar Serviços Editoriais

Impressão

EGB – Editora Gráfica Brasileira

Agosto de 1998